

FORÇAS DE CARÁTER E EMPODERAMENTO DE ADOLESCENTES EM PROJETOS ANTIRRACISTAS

 <https://doi.org/10.56238/arev6n3-272>

Data de submissão: 20/10/2024

Data de publicação: 20/11/2024

Raquel Lima Alves Babolin

Doutoranda e Mestre em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília
Especialista em Administração Escolar
Especialista em Orientação Escolar
Graduada em Língua Portuguesa e Pedagogia e professora da SEDF
E-mail: raqueldoutorado981@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3479-8239>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6811103708280207>

Cláudia Cristina Fukuda

Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (2003)
Graduação em Psicologia (1992)
Especialização em (1995)
Mestrado em Psicologia Social e do Trabalho (1997) pela Universidade de Brasília e Pós-Doutorado
em Psicologia Social pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do
Porto, Portugal (2018)
Atualmente é professora da Universidade Católica de Brasília, DF
E-mail: claudiafukuda@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3677-6017>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2118959463557236>

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo identificar as 5 forças de caráter mais evidentes em 10 projetos antirracistas, elaborados por adolescentes, sendo a maioria negros, bem como refletir sobre como estas forças contribuem para o empoderamento deles no combate ao racismo. Após análise dos projetos, destacamos as ações descritas e os principais impactos alcançados em cada um. A identificação das forças de caráter foi realizada por 9 juízes e os dados foram analisados com uso do software R (versão 4.3.3) e do Kappa de Fleiss para confiabilidade da avaliação. Os resultados apontaram que criatividade, trabalho em equipe, esperança, justiça e inteligência social foram as forças mais evidentes e que das 24 forças estudadas por Seligman e Peterson (2004), 20 foram identificadas pelos juízes. Em nossa discussão defendemos o quanto as forças de caráter destacadas podem contribuir para o empoderamento dos adolescentes no combate ao racismo. No entanto, reconhecemos a necessidade de mais estudos empíricos apontando a relação entre estes construtos na luta pela extinção deste mal, causador de sofrimento psíquico de muitas pessoas negras.

Palavras-chave: Forças de caráter, Educação antirracista, Adolescentes, Empoderamento.

1 INTRODUÇÃO

As forças de caráter são estudadas na Psicologia Positiva como traços positivos da personalidade. Em seus estudos, Peterson e Seligman (2004) identificaram 24 forças universais e dividiram-nas em seis blocos de virtudes, a saber: 1) sabedoria (criatividade, curiosidade, pensamento crítico, amor ao aprendizado e perspectiva); 2) humanidade (generosidade, amor, e inteligência social); 3) justiça (imparcialidade, liderança e trabalho em equipe); 4) temperança (perdão, humildade, prudência e autocontrole); 5) coragem (bravura, perseverança, integridade e vitalidade) e 6) transcendência (apreciação ao belo, gratidão, esperança, humor e espiritualidade).

A adolescência é apontada como uma fase de mudanças e transformações que ocorrem nos aspectos físico, cognitivo, social e emocional (Cavallaro et al., 2023). Além disso, é a fase considerada como a mais propícia para o desenvolvimento das forças de caráter, definidas como seus pontos fortes, qualidades e virtudes (Barros et al., 2022; Park & Peterson, 2009). Este é o período em que o adolescente começa a mostrar novos interesses, desenvolve sua identidade, tem uma menor resistência às influências dos colegas e passa por instabilidades na autoconfiança e enfrenta muitos desafios. No entanto, é também uma fase em que ele mostra um grande potencial para o empoderamento (Barros et al., 2022; Wray-Lake et al., 2022).

A palavra empoderamento consiste num neologismo derivado de empowerment, que na língua inglesa significa autoridade/poder dado a alguém para fazer algo. No dicionário Aurélio, empoderamento é definido como a ação de se tornar poderoso, de passar a possuir poder, autoridade, domínio; exemplo: processo de empoderamento das classes desfavorecidas (De Holanda Ferreira, 2010). Na Psicologia, a expressão empowerment foi utilizada pela primeira vez em 1977 pelo psicólogo norte-americano Julian Rappaport, quando defendia a necessidade de dar ferramentas a certos grupos oprimidos para que tivessem condições e autonomia de se desenvolver (Rappaport, 2002). No Brasil, já na década de 80, Paulo Freire fez sua versão do termo discordando de Rappaport, pois para ele, empoderar-se é um ato que os próprios grupos desfavorecidos deveriam fazer, como uma decisão de tomar posse de um poder intrínseco. O conceito proposto por Freire se tornou popular entre educadores, psicólogos e sociólogos e muitos movimentos sociais passaram a utilizá-lo, inclusive entidades como a Organização das Nações Unidas (ONU) (Baquero, 2012; Barros et al., 2022).

Partindo desta ideia inicial, outros autores complementaram e escreveram sobre o termo. Por exemplo, Carneiro (2013) acrescenta que empoderamento é uma evolução de processos vividos pelas pessoas e suas comunidades que as fazem ir adquirindo habilidades de vencer as dificuldades que a vida lhes apresenta. O autor afirma que em função da diversidade humana, o empoderamento deve ser

diferenciado, nos seus objetivos e nas suas estratégias. Para ele, o empoderamento ocorre quando são feitas intervenções que consideram fatores estruturais, situacionais, ideológicos e políticos.

Já Kleba e Wendausen (2009) percebendo que há autores em defesa dos dois lados, alertam que empoderamento visto como autorização, habilitação ou permissão, incorre no risco de servir como instrumento de controle por parte de grupos privilegiados que definiriam por seus próprios critérios a quem deveriam conceder esse poder. Dessa forma, as autoras se manifestam contrárias a ver o empoderamento como algo que se concede a alguém.

Também concordamos que o empoderamento não pode ser fornecido de uma pessoa para outra. Ele acontece num processo dinâmico em que cada um se empodera a si mesmo. Espaços propícios para isso podem ser criados por profissionais ou agentes externos visando favorecer e incentivar a mudança pessoal com posicionamento mais assertivo e protagonismo dos sujeitos diante das circunstâncias da vida. Isso leva este sujeito a sair do lugar de dependente, impotente e incapaz, assumindo a postura de alguém disposto a transformar sua realidade lutando por si, com e para os outros por mais autonomia e autodeterminação, tomando as rédeas de sua vida e aceitando gerenciá-la da melhor maneira possível (Kleba & Wendausen, 2009).

Da Costa (2017) analisou a contribuição do pensamento freiriano no processo de empoderamento da juventude da Comunidade Quilombola de Paratibe em João Pessoa – PB. Utilizando revisão bibliográfica e entrevistas, a fim de compreender a importância do fortalecimento da identidade quilombola por meio de uma educação emancipadora, a autora concluiu que o empoderamento da juventude daquele quilombo foi ocasionado, principalmente, pela valorização da sua cultura local, sua história, reconhecimento de suas forças, virtudes e pontos fortes. Em entrevista dada à autora, uma das lideranças jovens do quilombo afirmou que eles tinham vergonha de serem negros, de aceitarem seus cabelos, sua história, mas, com a integração ao projeto passaram a valorizar suas raízes e reconhecer o que possuíam de melhor.

Essa consciência de si contribui para que o sujeito inicie um processo de libertação, de busca pelo conhecimento, que o leva a reconhecer-se enquanto cidadão, possuidor de direitos e a perceber as injustiças à sua volta. Uma vez fortalecido pelo processo de transformação social, já não aceita mais as injustiças de forma passiva como antes. Esta libertação é autêntica, porque humaniza o sujeito, contribuindo para sua formação crítica e social (Freire, 2002).

2 CONCEITO DE RACISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

O racismo é uma das injustiças e violência que toda a sociedade precisa combater. Ele é gerado e perpetuado pelo colonialismo, carregado de explorações, produz violências físicas, simbólicas e,

sobretudo, civilizatórias que marcam emocionalmente as pessoas negras, distorcendo os sentimentos e as percepções de si (Ambrosio et al., 2022; Campos, 2020; Ribeiro et al., 2023; Santos et al., 2024).

O racismo ocorre quando uma sociedade favorece um grupo de certa etnia ou cor desmerecendo o outro por considerá-lo inferior, o qual passa a ser vítima de inúmeras práticas excludentes frequentes e que vão se naturalizando ao longo do tempo, vistas como normais (Campos, 2020; Santos et al., 2024). Como fruto da própria estrutura social, o racismo se estabelece nas relações políticas, econômicas, jurídicas e familiares gerando graves consequências. Estas, são facilmente percebidas pelas diferenças entre negros e brancos na divisão e acesso a recursos como trabalho, saúde, habitação, educação, entre outros (Lima, 2019; Da Silva & De Oliveira, 2021).

Exemplificando essas consequências já denunciadas na literatura, podemos citar: o genocídio da juventude negra causado pela violência policial, onde inúmeras balas perdidas tem corpos negros como alvos preferenciais, especialmente jovens periféricos e favelados (Medeiros, 2019; Bueno et al., 2020); o feminicídio cujas maiores vítimas são mulheres negras (IPEA, 2024); o tratamento diferenciado dado às pessoas negras vistas como inferiores e passíveis de piadas, preconceito e discriminação que as tornam vulneráveis e excluídas naturalmente das melhores posições no mercado de trabalho e espaços de poder (Lins et al., 2017). Por serem vistas e tratadas muitas vezes como não humanas acabam sendo as maiores vítimas de violência e extermínio (Bueno et al., 2020).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) apresenta dados que confirmam o quanto ainda é grande a desigualdade entre negros e brancos, dentre eles destacamos: 1. Pessoas negras ganharam cerca de 40% menos que brancos em empregos formais exercendo funções semelhantes; 2. A taxa de desemprego para pessoas pretas e pardas foi de 11,8%, enquanto para pessoas brancas foi de 7,5%; 3. O percentual de brancos que declararam não ter instrução ou o ensino fundamental completo foi de 17,8%, enquanto o percentual entre pretos e pardos sem instrução chegou a 33,8%. Esses dados refletem as desigualdades históricas e sociais no Brasil, onde a população negra enfrenta maiores dificuldades de acesso à educação de qualidade e, muitas vezes, tem que lidar com a necessidade de trabalhar desde cedo, o que impacta sua trajetória educacional.

O racismo também gera sérios prejuízos para a saúde mental das pessoas negras. Santos et al. (2024) elencam alguns sintomas físicos e mentais que uma pessoa vítima de racismo diariamente pode manifestar podendo ser temporários ou permanentes, gerados por um estado de tensão emocional, ansiedade e angústia contínuos. As autoras apontam que a constante exposição à discriminação racial, aumenta a pressão emocional, levando a repetidas frustrações com a falta de oportunidades e perspectivas para o futuro, o que contribui para o surgimento de distúrbios físicos e mentais, como “batimentos cardíacos acelerados, pressão arterial alta, úlcera gástrica, ansiedade, ataques de pânico,

depressão, introspecção, explosões de raiva violenta e aparentemente sem motivo, além de comprometimento da identidade e distorção da autoimagem” (Santos et al., 2024, p. 11).

3 A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO AMBIENTE ESCOLAR

Apesar de todas as consequências negativas provocadas pelo racismo em nossa sociedade, é possível perceber avanços conquistados como resposta às reivindicações e lutas do Movimento Negro, conhecido como o conjunto de movimentos sociais históricos que lutam pela igualdade social e direitos para a população negra, pelo fim do racismo e por equidade racial (Sabino et al., 2022; Vieira & Silva, 2023).

Dentre os avanços já conquistados, vamos destacar a aprovação da Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação introduzindo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas da Educação Básica. A execução dessa lei possibilitou a inclusão de estudos da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira, o negro na formação da sociedade nacional e suas contribuições nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil, o que possibilita importantes reflexões, bem como o desenvolvimento de projetos antirracistas no ambiente escolar (Gomes, 2011; De Jesus & Lopes, 2023).

Gomes (2011) destaca a importância da Lei 10.639/2003 bem como da Resolução CNE/CP 01/2004 e do Parecer CNE/CP 03/2004 que regulamentaram essa política pública na garantia que a educação antirracista seja trabalhada nas escolas, cabendo às escolas com seus diversos atores abordarem essa temática de forma efetiva e na prática.

A escola é um dos espaços privilegiados para o desenvolvimento da educação antirracista, uma vez que ela é uma instituição que contribui para a formação crítica e de valores dos estudantes (Hurd et al., 2023). Também é um espaço favorável à revelação de talentos, pontos fortes e habilidades que os adolescentes podem utilizar no combate ao racismo. Se bem motivados, eles poderão demonstrar muitas de suas forças de caráter que serão percebidas através das ações executadas por eles (Peterson et al., 2007; Wagner & Ruch, 202\2).

Nosso objetivo neste estudo foi identificar as 5 forças de caráter mais evidentes em 10 projetos antirracistas, elaborados por adolescentes, sendo a maioria negros, bem como refletir sobre como estas forças contribuem para o empoderamento deles no combate ao racismo a fim de contribuir com os estudos sobre os benefícios das forças de caráter e de sua relação com o empoderamento adolescente frente ao racismo.

4 METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se por ser uma pesquisa documental onde foram analisados 10 projetos antirracistas, escolhidos por terem os seguintes aspectos em comum: 1) foram elaborados por adolescentes sendo a maioria negros, se propondo a combater o racismo e contribuir com ações antirracistas na prática; 2) foram premiados pelo Criativos da Escola, um programa do Instituto Alana e do Design for Change, movimento global que surgiu na Índia e está presente em 52 países, inspirando mais de 2 milhões de crianças e adolescentes ao redor do mundo e que realizou edições do prêmio no Brasil no período de 2015 a 2021 (Gabriel, 2019); 3) eram projetos públicos divulgados pelo Portal Lunetas como antirracistas criados por alunos. A matéria foi publicada em 19/11/2020 (<https://lunetas.com.br/projetos-antirracistas-criados-por-estudantes/>). (Martins, 2020)

A pesquisa documental é aquela em que os dados analisados são originados de documentos escolhidos como fonte de coleta das informações que respondem ao interesse da pesquisa. Neste processo, podem ser utilizados métodos e técnicas de captação, compreensão e análise dos dados (Junior et al., 2021).

Os projetos selecionados foram coletados na plataforma do Criativos da escola e no Portal Lunetas e em alguns casos falamos diretamente com os representantes das escolas, responsáveis pelo envio dos projetos para concorrerem ao prêmio. Mesmo sendo projetos públicos, solicitamos autorização por e-mails para utilização das informações divulgadas em cada mídia e nos comprometemos a não identificar nenhum adolescente nos limitando à análise apenas das ações descritas em cada projeto premiado.

Após leitura minuciosa dos documentos sintetizamos as informações mais relevantes na tabela 1. Para atingir nosso objetivo de identificar as 5 forças de caráter mais evidentes nos projetos partindo das ações executadas e descritas em cada um, utilizamos o processo de análise qualitativa por juízes especialistas em forças de caráter para atestarem quais foram as 5 mais evidentes em cada projeto (Vazzoler-Mendonça et al., 2023). Os juízes escolhidos avaliaram os projetos segundo seus próprios julgamentos, objetivos e subjetivos, considerando seus conhecimentos sobre o assunto (Pasquali, 2000).

Tivemos o cuidado de garantir o anonimato dos juízes a fim de evitar a personificação da autoridade individual, favorecendo, ao invés disso, a representação coletiva. Ao preservar o anonimato dos juízes, buscamos reduzir o viés do prestígio e o risco de adotar sugestões simplesmente por conta da autoridade presumida de quem as propõe (Fonseca et al., 2007).

Considerando o critério de que algo só pode ser visto como científico se for passível de discussão, convidamos por e-mails, 14 juízes, com as seguintes características: 1. titulação de mestre

ou doutor; 2. formação em Psicologia ou Educação; e 3. conhecimento autorrelatado das forças de caráter. Foram convidadas pessoas do relacionamento das autoras ou que foram indicadas pelos próprios juízes.

Dos 14 convidados, 9 aceitaram participar. Quanto maior o número de juízes, menor será o risco de vieses subjetivos. Seis juízes podem ser suficientes, mas é melhor ter um número ímpar para evitar empates (Torlig et al., 2022; Pasquali, 2000). O número de juízes que conseguimos está de acordo com as recomendações da literatura. Para manter o anonimato dos nossos juízes, eles foram identificados como J1, J2, J3 até o J9. Após o aceite, eles receberam as informações resumidas de cada projeto com destaque para as ações executadas, os objetivos e principais resultados/impactos gerados em cada comunidade escolar. Considerando as 24 forças de caráter existentes e seus conceitos, cada juiz apontou as 5 forças mais evidentes nos projetos.

Cada juiz teve dez dias para analisar os projetos e enviar suas percepções sobre as forças mais evidentes para as autoras que processaram os dados com uso do Kappa de Fleiss no software R (versão 4.3.3). Os resultados e a discussão estão descritos a seguir.

5 RESULTADOS

A literatura sobre essa temática aponta diversas maneiras de medir o nível de confiabilidade e concordância entre juízes, incluindo técnicas como porcentagem, correlação, coeficiente Kappa de Cohen (indicado para análises de dois avaliadores/juízes) e de Fleiss no SPSS ou R (recomendado para análises com mais de 2 juízes) dentre outras (Matos, 2014).

Inicialmente utilizamos a técnica da porcentagem de concordância absoluta (percentage of absolute agreement), considerada a mais simples utilizada em pesquisas e passível de ser feita manualmente. Calculamos o número de vezes em que os juízes apontaram a mesma força de caráter percebida em algum projeto e dividimos pelo número total de avaliações com variações entre 0 e 100%, onde o valor de 75% é considerado o mínimo de concordância aceitável e os valores a partir de 90% são considerados altos (Matos, 2014).

Uma desvantagem dessa técnica reside no fato de ela não levar em consideração a proporção de concordância devido ao acaso. Para evitar esse risco, utilizamos ainda o coeficiente Kappa de Fleiss, que considera a probabilidade de concordância ao acaso (Matos, 2014). O Kappa varia entre 0 e 1, onde $K < 0,4$ é pobre; $0,4 < K < 0,75$ é satisfatória a bom; $K > 0,75$ é excelente (Fleiss et al., 2013). De acordo com a literatura, o Kappa é o método mais utilizado quando as variáveis são nominais (Fonseca et al., 2007).

Na tabela 1, apresentamos o nome dos 10 projetos escolhidos, os objetivos, as ações executadas e os principais resultados/impactos gerados em cada contexto. Também apresentamos algumas características dos adolescentes, encontradas nos projetos divulgados nas mídias pesquisadas, sem identificá-los.

Todos os projetos foram desenvolvidos em escolas públicas e a maioria dos adolescentes responsáveis pela elaboração e execução dos mesmos eram do sexo feminino. O tema relações étnico-raciais que aborda a questão do racismo bem como a necessidade de combatê-lo apareceu em todos os projetos escolhidos e reconhecidos pelo Criativos da escola, pois todos foram premiados ou receberam menção honrosa por apresentarem uma temática necessária e pertinente e por contribuírem com a mudança de comportamentos, maior respeito e valorização da cultura negra. Dos 10 projetos, 9 foram premiados em 2019 revelando que neste ano houve maior valorização desta temática na escolha dos projetos selecionados para premiação.

Tabela 1- Projetos selecionados premiados no criativos da escola

Título do projeto (ano da premiação)	Cidade onde foi realizado	Características dos autores	Objetivos	Principais atividades	Principais resultados
Juventude negra: movendo estruturas 2019	Milagres (CE)	Alunos negros do 2º e 3º ano do Ensino Médio de escola pública	Discutir o genocídio da população negra e exaltar a cultura afro-brasileira.	Seminário “Vidas Negras Importam!”; Oficina de direitos humanos com o tema “Todos os mortos eram bandidos: genocídio ou extermínio do povo negro no Brasil?”; Café filosófico “Somos muitos, somos milhões, somos aqueles silenciados: o que é cidadania negra no Brasil?”.	Observaram que grande parte dos alunos negros da escola passaram a assumir suas identidades, reconhecendo-se e admirando-se; Inclusão de conteúdos conforme determinado a Lei Federal 10.639/2003, nas aulas de todas as disciplinas da escola.

<p>Movimento meninas crespas 2019</p>	<p>Porto Alegre - RS</p>	<p>Alunas negras do ensino médio de escola pública</p>	<p>Resgatar a ancestralidade e fortalecer a autoestima de crianças e jovens negros combatendo as brincadeiras racistas vivenciadas por eles</p>	<p>Debates e trocas de experiências que visavam à valorização da estética do cabelo crespo e da cor da pele para resgatar a identidade afro-brasileira e o poder do feminino;</p> <p>Momentos de celebração da ancestralidade negra, Oficinas, como a de dança afro (maculelê);</p> <p>Criação de uma biblioteca comunitária e afro centrada por meio da arrecadação de livros sobre a negritude.</p>	<p>Visibilidade ao ganhar diversos prêmios; alcançou uma representatividade negra forte e empoderada atingindo os objetivos do projeto que agora já é um instituto.</p>
<p>Literatura afro-brasileira: (re)descobrimo nossa identidade 2019</p>	<p>Natal – RN</p>	<p>Alunas negras do ensino médio de escola pública</p>	<p>Valorizar a literatura afro-brasileira, além de destacar temáticas como racismo, empoderamento, estética negra e representatividade dos afrodescendentes em cargos relevantes.</p>	<p>Estudos sobre literatura afro-brasileira;</p> <p>Cursos de turbante;</p> <p>Ensaio fotográfico focado na valorização da autoestima negra;</p> <p>Intervenções literárias nas caixas de correio do bairro da escola, em uma clínica médica e em um condomínio;</p> <p>Em paralelo, promoveram exposições sobre a vida e a obra de escritoras negras como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Ryane Leão e Drika Duarte.</p>	<p>Mostraram a importância da literatura afro-brasileira dando visibilidade às escritoras negras escolhidas que servem de referência para os participantes do projeto; Contribuíram para melhorar a autoestima e autoaceitação, bem como o reconhecimento da beleza negra dos participantes do ensaio fotográfico.</p>

<p>Comunidade quilombola de Opalma em pauta 2019</p>	<p>Cachoeira – BA</p>	<p>Jovens negros da Associação Beneficente dos moradores de Opalma - Quilombo do Engenho da Cruz</p>	<p>Divulgar como é a vida dentro de um quilombo.</p>	<p>Parceria da Universidade Federal da Bahia, para mudar essa situação e compartilhar acontecimentos da região com a população; Gravação de diversos vídeos mostrando o dia a dia da comunidade; Divulgação dos vídeos num canal do Youtube.</p>	<p>Visibilidade aos quilombolas que permanecem no quilombo buscando manter as tradições de seus ancestrais.</p>
<p>Mais amor, menos guerra 2016</p>	<p>São Bernardo do Campo (SP)</p>	<p>15 alunos de uma escola pública e 15 alunos de uma escola particular tendo brancos e negros</p>	<p>Combater a violência e propagar o amor no território em que vivem,</p>	<p>Contação de histórias em creches; Oficinas de bonecas negras Abayomi para abordar a diversidade racial e a importância do respeito.</p>	<p>Possibilitou a interação entre estudantes de duas realidades diferentes e distantes; Os alunos perceberam que é possível realizar sonhos através da união.</p>
<p>Afroativos: solte o cabelo, prenda o preconceito 2019</p>	<p>Porto Alegre (RS)</p>	<p>Alunos negros do ensino fundamental e médio sensibilizados por uma carta escrita por uma menina negra de 10 anos contando o quanto sofria com o racismo</p>	<p>Ajudar crianças negras com dificuldade de aceitação dos próprios cabelos e vítimas de racismo refletindo sobre a intolerância, o preconceito e o racismo.</p>	<p>Oficinas, formações e palestras sobre educação antirracista na escola e valorização do cabelo afro, revelando a beleza deles; Criação do calendário afroafirmativo, onde cada mês é apresentada os grandes marcos da cultura afro e também as biografias e realizações de personalidades negras. Alunos protagonistas dão as palestras em</p>	<p>O projeto continuou sendo desenvolvido anualmente na escola estimulando o pertencimento e a apropriação de toda uma ancestralidade historicamente invisibilizada e melhorando o empoderamento e a autoestima de alunos negros.</p>

				outras escolas e eventos;	
Além dos genes: fortalecendo as culturas negras 2019	Cascavel-CE	Alunas negras do ensino médio de escola pública	Fortalecer a identidade e a cultura negra	Debates sobre a questão racial na comunidade quilombola da BICA; Oficinas para resgatar a cultura local.	Contribuíram para que as pessoas negras que eram maioria da população assumissem sua cor na autodeclaração.
Potere: o lugar da mulher negra 2019	Rio de Janeiro (RJ)	Alunas negras do ensino médio de escola pública	Valorizar a trajetória das mulheres negras da escola	Registro do dia a dia delas, por meio de processos artísticos audiovisuais.	Revelação de muitos talentos e pontos fortes dos alunos com a realização do ensaio fotográfico e vídeo artístico. . Criação do coletivo feminino negro na escola.
Sarilho: nossa história vira cena 2019	São Vicente Ferrer (MA)	Alunas negras do ensino médio de escola pública	Despertar o protagonismo, nutrir o sentimento de pertencimento e fortalecer a identidade dos alunos negros.	Criaram uma companhia de teatro que retrata a cultura quilombola, suas vivências e histórias.	Melhoraram o empoderamento e noção de pertencimento ao local onde vivem possibilitando maior valorização da cultura quilombola.
Cota não é esmola: pret-o-conceito 2019	Rio de Janeiro (RJ)	Alunas negras do ensino médio de escola pública	Apresentar o racismo velado vivenciado no dia a dia pelos estudantes dentro e fora do ambiente escolar.	Criaram um espetáculo teatral retratando a questão do preconceito racial sob a perspectiva das cotas raciais.	Denunciaram o racismo velado trazendo o tema para o debate contribuindo com a reflexão e mudança de comportamento dos participantes que entenderam a importância das cotas.

Fonte: Elaboração dos autores, 2024

Na figura 1 a seguir, apresentamos o percentual de vezes que cada força de caráter foi citada pelos 9 juízes ao analisarem os 10 projetos. Assim já é possível verificar as 5 forças mais evidentes em todos eles.

Figura 1- Prevalência das forças nos projetos



Fonte: Dados da pesquisa

Nos 10 projetos analisados, os juízes identificaram 20 das 24 forças de caráter descritas na literatura pesquisada. Apenas 4 forças não foram identificadas em nenhum projeto, a saber: autocontrole, perspectiva, integridade e humildade.

Não foi possível calcular o valor de kappa para as 4 forças que os juízes não identificaram nos projetos. Considerando essa limitação do cálculo do kappa, foi calculado também o coeficiente AC1 de Gwet (Gwet, 2008). Esse coeficiente, ao contrário do kappa, não é influenciado pela homogeneidade da amostra, e é apontado como uma alternativa apropriada ao kappa nessas situações (Xie, 2013).

Tabela 2- Kappa de Fleiss para confiabilidade da avaliação, por força de caráter

Força de caráter	Kappa de Fleiss	ACI de Gwet
Amor	0,302	0,751
Amor pela aprendizagem	0,111	0,733
Apreciação da beleza e excelência	0,081	0,359
Autocontrole	---	1,000
Bondade	0,018	0,860
Bravura	0,010	0,534
Integridade	---	1,000
Criatividade	-0,083	0,553
Curiosidade	0,115	0,583
Esperança	-0,035	-0,031
Espiritualidade	-0,011	0,977
Gratidão	-0,046	0,825
Humor	-0,011	0,977
Perspectiva	---	1,000
Inteligência social	-0,017	0,079
Justiça	-0,070	-0,020
Liderança	-0,052	0,295
Humildade	---	1,000
Pensamento crítico	0,054	0,290
Perdão	-0,011	0,977
Perseverança	0,057	0,583
Prudência	0,019	0,909
Trabalho em equipe	-0,008	0,410
Vitalidade	-0,011	0,977

Fonte: Dados da pesquisa

6 DISCUSSÃO

Decidimos analisar projetos antirracistas elaborados por adolescentes premiados no desafio Criativos da Escola porque este programa foi criado em 2015 com o objetivo de incentivar crianças e adolescentes a perceberem-se como protagonistas e agentes de transformação de suas próprias histórias e realidades, tendo protagonismo, empatia, criatividade e trabalho em equipe como pilares (Gabriel, 2019). Criatividade e trabalho em equipe estão entre as 24 forças de caráter estudadas pela Psicologia Positiva e pelo menos 6 juízes perceberam a presenças de ambas nos 10 projetos selecionados.

As 24 forças de caráter são características positivas, manifestadas em sentimentos, pensamentos e comportamentos. Elas não são consideradas completamente inatas ou imutáveis. Os

estudos de Peterson e Seligman (2004) sugerem que elas são o resultado de uma combinação de fatores biológicos, ambientais e culturais. Os autores acreditam que embora os indivíduos possam nascer com predisposições para desenvolver certas forças de caráter, podem essas forças são moldadas e ser fortalecidas ou enfraquecidas ao longo da vida por meio de experiências, educação, interações sociais e práticas intencionais.

Em termos de estabilidade, as forças de caráter são relativamente benéficas, mas não totalmente fixas. Eles podem ser projetados e aprimorados com o tempo, especialmente se forem cultivados de maneira consciente (Park & Peterson, 2009). Dessa forma, embora as forças de caráter possam ter uma base biológica, elas podem ser amplamente influenciadas pelo meio ambiente e serem modificadas ao longo do tempo (Peterson et al., 2007). “As Forças de Caráter são aqueles aspectos da sua personalidade que distinguem o que há de melhor em você e são coletivamente responsáveis por suas maiores realizações e completude” (Doman, 2021, p.27).

Wagner et al. (2021) avaliaram as forças de caráter como traços, estáveis ao longo do tempo e investigaram a frequência com que elas eram percebidas em diferentes contextos, concluindo que existiam situações onde uma determinada força ficava mais evidente que outras. Isso foi observado nos 10 projetos analisados.

Das 20 forças de caráter identificadas nos projetos pelos juízes, discutiremos com maior ênfase as 5 que apareceram na maioria deles. São elas: 1. criatividade (aparece em 82,2% dos projetos); 2. trabalho em equipe (aparece em 75,6% dos projetos); 3. esperança (aparece em 47,6% dos projetos); 4. justiça (aparece em 42,2% dos projetos) e 5. Inteligência social (aparece em 38,9% dos projetos).

A primeira da lista é a criatividade. Na Psicologia Positiva, ela é vista como uma capacidade fundamental e como um aspecto essencial para o bem-estar humano (Niemic & Pearce, 2021). Ela é definida como a capacidade de gerar ideias originais e úteis, de pensar de maneira flexível e de abordar os problemas de forma inovadora. A criatividade não se limita apenas à produção de obras de arte ou invenções revolucionárias, mas também se manifesta em todas as áreas da vida, desde a resolução de problemas cotidianos até a expressão de ideias e emoções de formas novas e significativas (Oliveira et al., 2016; Wagner et al., 2021).

Acreditamos que a criatividade seja uma importante ferramenta no combate ao racismo, pois permite abordar o problema de maneiras inovadoras e eficazes como foi feito nos 10 projetos premiados. Também é possível perceber sua relação com o empoderamento dos adolescentes ao revelarem seu potencial criativo. O juiz 9 (J9) deixou registrado em sua análise escrita que observou a presença da criatividade em todos os projetos que promoveram oficinas, formações e palestras sobre

educação antirracista com valorização do cabelo afro, demonstrando criatividade na busca por formas inovadoras de enfrentar o preconceito e promover a inclusão.

Os estudantes fizeram abordagens criativas através da arte, música, teatro, literatura, produção de vídeos e outros para educar e conscientizar sobre a história do racismo, suas manifestações atuais e suas consequências promovendo reflexões e mudança de comportamento. Além disso, os estudantes também fomentaram a criação e disseminação de narrativas alternativas desfazendo estereótipos e preconceitos raciais através da produção de filmes, documentários contando a realidade dos negros no país. Realizaram intervenções comunitárias promovendo a inclusão e a equidade racial através do diálogo e engajamento construindo pontes entre diferentes grupos e promovendo a solidariedade e o apoio mútuo.

Trabalho em equipe foi a segunda força de caráter que mais foi percebida pelos juízes nos projetos. Na Psicologia Positiva, o trabalho em equipe é visto como uma forma eficaz de promover o bem-estar e o sucesso coletivo (Park & Peterson, 2009). Envolve a colaboração entre indivíduos que compartilham objetivos comuns, valores e um senso de propósito. Observamos que o trabalho em equipe foi fundamental para o sucesso dos projetos analisados, uma vez que contribuiu para a criação de conexões significativas, possibilitou a valorização e conhecimento das forças individuais dos envolvidos em cada ação, que bem aproveitadas contribuíram para o alcance dos objetivos propostos em cada um. Dentro desse contexto, essa força de caráter contribui para a motivação, a satisfação no trabalho e o comprometimento da equipe (Gander et al., 2019; Garcia et al., 2020).

No combate ao racismo, o trabalho em equipe desempenha um importante papel, pois é uma abordagem colaborativa que reúne pessoas com diferentes experiências e perspectivas para enfrentar o problema de maneira eficaz e abrangente. Nos projetos em questão, vimos o quanto o trabalho em equipe ajudou nesse sentido. Houve busca de parceiros externos, estabelecimento de alianças entre grupos e organizações como Ongs, grupos comunitários, instituições educacionais, empresas e agências governamentais que se uniram para promover a igualdade racial e a justiça social (Niemiec & McGrath, 2019; Wagner et al., 2021).

A esperança apresenta-se em terceiro lugar na lista das forças de caráter mais percebidas pelos juízes nos 10 projetos analisados. Os juízes identificaram essa força nos projetos em que os adolescentes promoveram ações de reconhecimento e valorização da beleza negra e naqueles em que realizaram debates sobre racismo estrutural e desigualdades de gênero mostrando uma esperança por mudanças positivas e por um futuro mais igualitário e inclusivo para a população negra nas escolas. Ao despertar o protagonismo e nutrir o sentimento de pertencimento dos alunos negros, os adolescentes

sugerem uma esperança por um futuro melhor e empoderador para essa comunidade (Niemic & McGrath, 2019).

A justiça foi a quarta força mais observada nos projetos. A Psicologia Positiva está preocupada com a promoção da justiça social, que envolve a garantia de igualdade de oportunidades, tratamento justo e equitativo e a proteção dos direitos humanos para todos os membros da sociedade. Isso inclui o combate à discriminação, à exclusão social e à desigualdade de acesso a recursos e oportunidades (Niemic & McGrath, 2019; Seligman & Csikszentmihalyi, 2014).

A quinta força mais percebida foi inteligência social, que consiste em saber o que fazer para se adequar a variadas situações sociais bem como estar ciente das motivações e sentimentos dos outros e de si mesmo (Gander et al., 2019; García-Álvarez et al., 2020). Nos projetos analisados, os adolescentes demonstraram essa força ao compreenderem e se posicionarem dispostos a discutir as dinâmicas sociais relacionadas ao racismo e suas consequências, bem como revelando habilidades para abordar essas questões de maneira eficaz, sensível e empática. Inclusive, outro conceito para inteligência social está relacionado a empatia. De forma que se colocar no lugar do outro, buscando até mesmo sentir a dor do que sofre discriminação por ter cabelos afro e pele negra é demonstração dessa força.

Um dos juízes fez uma reflexão sobre as forças que identificou nos projetos destacando sua visão de que por trás de todas as atividades propostas e realizadas pelos adolescentes encontra-se o amor.

Quando analisados o nome, o resumo e as principais ideias dos projetos foi possível identificar que eles constituem iniciativas que representam uma manifestação robusta de amor-próprio, valorização da identidade e luta contra o preconceito e a discriminação racial. Ao promoverem a valorização da cultura afro-brasileira, a conscientização sobre o racismo estrutural e a busca por igualdade e justiça social, os alunos envolvidos demonstram bravura, bondade e esperança de construir uma sociedade mais inclusiva e respeitosa. Cada iniciativa, seja por meio da educação antirracista, da valorização da estética afro ou do reconhecimento das culturas quilombolas, contribui para o fortalecimento da identidade negra, o empoderamento das comunidades e o avanço na luta por direitos e reconhecimento. Por fim, cabe ressaltar que uma das grandes forças por trás de todas essas iniciativas foi o amor (J9).

Embora o amor tenha aparecido em apenas 15,6% dos projetos analisados pelos 9 juízes, essa reflexão do J9 condiz com nossa forma de pensar. O amor faz parte da virtude humanidade e consiste em valorizar as relações íntimas com os outros, em particular aquelas em que o compartilhamento e o cuidado são recíprocos. É característico de quem busca estar próximo às pessoas, valorizar

relacionamentos, amizades e demonstrar solidariedade (Peterson et al., 2007; Wagner et al., 2021). Observamos que na maioria dos projetos, os adolescentes demonstraram amor ao próximo ao dedicarem seu tempo e esforço para ajudar outros negros a superarem dificuldades de aceitação e combaterem o racismo. Eles tiveram empatia pelos outros e elaboraram seus projetos visando propagar o amor e combater a violência em seu território, buscando criar um ambiente mais positivo e acolhedor para todos, especialmente para aqueles em sofrimento.

7 CONCLUSÃO

O empoderamento de jovens negros para combaterem o racismo é um processo de autoconhecimento e autoconfiança importante e necessário. Ele pode acontecer partindo de reflexões, estudos e também com o desenvolvimento de técnicas intencionais de potencialização das forças de caráter. Dessa forma, percebemos que o empoderamento tem forte relação com as forças de caráter, pois quanto mais evidentes e desenvolvidas elas são, mais o adolescente conseguirá se expressar, exigir direitos iguais para brancos e negros e se mostrar contrário a todo tipo de injustiça.

Das 24 forças de caráter descritas na literatura estudada, a análise dos juízes identificou 20 delas nos projetos selecionados. Isso nos leva a defender a hipótese de que a potencialização das forças de caráter pode contribuir para o empoderamento antirracista dos adolescentes que intencionalmente poderão utilizar todas as suas forças, especialmente as mais evidentes voltadas para o objetivo de combater o racismo. Consciente de que possui todas as forças de caráter dentro de si, o adolescente passará por todo processo de autoconhecimento, se percebendo como um sujeito importante para si e para o grupo do qual faz parte, começando a ter um entendimento de sua posição social, cultural e econômica. Há um processo de autoaceitação, que por fim transforma isso em benefício para o coletivo, momento em que ele rompe com uma postura de acomodação e passividade, passando a exercer, com autonomia, uma postura de protagonista (Gomes, 2011).

Baseado em pesquisas estatísticas e comparativas, um estudo do Ifer (Índice Folha de Equilíbrio Racial) na edição de 2022 concluiu que o Brasil ainda precisará de 116 anos para que os negros tenham acesso às mesmas oportunidades que os brancos possuem (Wellington & Wellington, 2022). Acreditamos que é possível acelerar essa equiparação e conquistar a equidade e igualdade mais rapidamente através da educação antirracista e da potencialização das forças de caráter, que além de contribuírem para o bem-estar emocional e social dos adolescentes ainda possibilitam maior empoderamento pessoal frente ao racismo. Munidos destas forças, os adolescentes serão capazes de promover movimentos de conscientização coletiva e desconstrução de valores e aprendizados

deturpados para introdução de novos valores que considerem a empatia, a solidariedade e a valorização da diferença.

Reconhecemos ainda, a importância e a necessidade de mais trabalhos científicos que incentivem o debate sobre esta temática gerando a produção de conhecimento acadêmico por pesquisadores de todas as áreas, especialmente da Psicologia, na busca por estratégias de redução de todo sofrimento psíquico provocado pelo racismo nas pessoas negras.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 concedido à primeira autora.

REFERÊNCIAS

- Ambrosio, L., Fonseca, L. G., Fernandes, A. B., Sousa, D. P., & Silva, C. R. (2022). Cabelos crespos, tranças e black power: Reflexões sobre o adoecimento de mulheres negras, autoestima e empoderamento. *Revista Da ABPN*, 453–477. <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2021.v14.n.39.p453-477>
- Baquero, R. V. A. (2012). Empoderamento: instrumento de emancipação social? – Uma discussão conceitual. *Revista Debates*, 6(1), 173. <https://doi.org/10.22456/1982-5269.26722>
- Barros, M. B. S. C., Monteiro, E. M. L. M., Farias, A. C. D. N., Neto, W. B., De Araújo, E. C., De Goes, P. S. A., De Andrade Ramalho, M. N., & Bushatsky, M. (2022). Empoderamento de Adolescentes a partir das Intervenções Educativas em Saúde: Uma Revisão Integrativa. *Revista Paulista De Enfermagem*, 33, a12. <https://doi.org/10.33159/25959484.repen.2022.v33a12>
- Bueno, S., Pacheco, D. & Nascimento, T. (2020). O crescimento das mortes decorrentes de intervenções policiais no Brasil. In *Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Fórum de Segurança Pública* (pp. 86-94). <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>
- Campos, A. (2020). A psicologia e o racismo estrutural na atualidade latino-americana. *Revista Da ABPN*, 12(Edição Especial), 27–51. <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2020.v12.c3.p27-51>
- Carneiro, N. S. (2013). Contra a “violência de inexistir”: psicologia crítica e diversidade humana. *Psicologia E Sociedade/Psicologia & Sociedade*, 25(1), 40–47. <https://doi.org/10.1590/s0102-71822013000100006>
- Cavallaro, A. P. O., Couto, L. M. F., & Noronha, A. P. P. (2023). Forças Pessoais, Bem-Estar Subjetivo e Autoestima: Invariância Fatorial entre Ensino Médio e Técnico. *Revista Iberoamerica De Diagnóstico Y Evaluación Psicológica*, 69(3), 77. <https://doi.org/10.21865/ridep69.3.07>
- Da Costa, I. E. (2017). A contribuição do pensamento Freiriano no processo de empoderamento da juventude quilombola de paratibe, João Pessoa – PB: Uma análise da experiência do projeto social paratibe em ação. *Inter-ação*, 42(2), 500. <https://doi.org/10.5216/ia.v42i2.44016>
- Da Silva, M. a. B., & De Oliveira, I. F. (2021). A relação entre racismo, saúde e saúde mental: Psicologia e educação antirracista. *Quaderns De Psicologia/Cuadernos De Psicología*, 23(3), e1753. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1753>
- De Holanda Ferreira, A. B. (2010). *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. <http://books.google.ie/books?id=JosDY6XujKEC&dq=Novo+Aur%C3%A9lio+s%C3%A9culo+XXI:+o+dicion%C3%A1rio+da+l%C3%ADngua+portuguesa.&hl=&cd=2&so>
- Doman, F. (2021) *Forças Autênticas – Aumente sua Felicidade, sua performance e seu sucesso com coaching de psicologia positiva*. 1. Ed. Goiânia: Vozes
- Ferreira Novo, R. (2005). Bem-Estar e Psicologia: Conceitos e Propostas de Avaliação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación - e Avaliação Psicológica*, 20(2), 183-203

- Fleiss, J. L., Levin, B., & Paik, M. C. (2013). *Statistical Methods for Rates and Proportions*. John Wiley & Sons. <http://books.google.ie/books?id=9VefO7a8GeAC&printsec=frontcover&dq=Statistical+methods+for+rates+and+proportions.+New+York:+John+Wiley+%26+Sons.&hl=&cd=1>
- Fonseca, R.; Silva, P.; Silva, R. (2007). Acordo inter-juízes: O caso do coeficiente kappa. *Laboratório de Psicologia, Lisboa*, 5(1), p. 81-90.
- Freire, P. (2002). *Educação como prática de Liberdade*. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gabriel. (2019, November 19). *Consciência Negra: 7 projetos de alunos que estão combatendo o racismo. Criativos Da Escola*. <https://criativosdaescola.com.br/consciencia-negra-7-projetos-de-estudantes-que-estao-pensando-identidade-racial/>
- Gander, F., Hofmann, J., Proyer, R. T., & Ruch, W. (2019). Character Strengths – Stability, Change, and Relationships with Well-Being Changes. *Applied Research in Quality of Life*, 15(2), 349–367. <https://doi.org/10.1007/s11482-018-9690-4>
- García-Álvarez, D., Soler, M. J., & Cobo-Rendón, R. (2020). Promoting character strengths through the Growing Up Strong Program: The students’ perspective. *Revista De Estudios E InvestigaciÓN En Psicología Y EducaciÓN*, 7(1), 84–97. <https://doi.org/10.17979/reipe.2020.7.1.6541>
- Gomes, N. L. (2011). Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. *Revista Brasileira De Política E Administração Da Educação - Periódico Científico Editado Pela ANPAE*, 27(1). <https://doi.org/10.21573/vol27n12011.19971>
- Gwet, K. L. (2008). Computing inter-rater reliability and its variance in the presence of high agreement. *British Journal of Mathematical and Statistical Psychology*, 61(1), 29-48.
- Hurd, N. M., Brence, M., & Armstrong, C. (2023). Youth advancing anti-racism in the 2020s. *Current Opinion in Psychology*, 52, 101612. <https://doi.org/10.1016/j.copsy.2023.101612>
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). *Desigualdades Sociais por cor ou Raça no Brasil*. Acesso em: março. 2024. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica aplicada (2024). *Atlas da violência 2024 / coordenadores: Daniel Cerqueira; Samira Bueno – Brasília: Ipea; FBSP.* Jesus, A. M. A. de; Lopes, E. T. (2023). 20 anos da lei 10.639/03: Pensar uma educação das relações étnicoraciais para além do capital. *Boletim DATALUTA*, v. 182, p. 1-11, Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/Bd/article/view/52746>
- Junior, E. B. L.; de Oliveira, G. S., dos Santos, A. C. O; Schnekenberg, G. F. (2021). Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 44.
- Kleba, M. E., Wendausen, A. (2009). Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde e Sociedade*, v.18, n.4, p. 733-743.

Lima, M. E. O. (2019). O que há de novo no “novo” racismo do Brasil? *Repecult*, 4(7). <https://doi.org/10.29327/211303.4.7-10>

Lins, S. L. B., De Lima, T. J. S., De Souza, L. E. C., Lima-Nunes, A., & Camino, L. (2017). Racial prejudice and social values: how I perceive others and myself. *Psico-USF*, 22(2), 309–321. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220210>

Martins, L. B. (2020, November 19). Combate ao racismo: projetos antirracistas criados por estudantes. Portal Lunetas. <https://lunetas.com.br/projetos-antirracistas-criados-por-estudantes>

Matos, D. a. S. (2014). Confiabilidade e concordância entre juízes: aplicações na área educacional. *Estudos Em Avaliação Educacional*, 25(59), 298–324. <https://doi.org/10.18222/eae255920142750>

Medeiros, F. (2019). Sobre discursos e práticas da brutalidade policial: um ensaio interseccional e etnográfico. *Revista Da ABPN*, 11(30), 108–129. <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2019.v11.n.30.p108-129>

Niemiec, R. M., & McGrath, R. (2019). *The Power of Character Strengths*. http://books.google.ie/books?id=8GSZvwEACAAJ&dq=Niemiec,+R.+M.,+%26+McGrath,+R.+E.+%282019%29.&hl=&cd=1&source=gbs_api

Niemiec, RM, & Pearce, R. (2021). *O poder das forças de caráter: Aprecie e desperte sua personalidade positiva*. Hogrefe Publishing.

Oliveira, K. S., Nakano, T. C., & Wechsler, S. M. (2016). Criatividade e saúde mental: uma revisão da produção científica na última década. *Temas Em Psicologia*, 24(4), 1493–1506. <https://doi.org/10.9788/tp2016.4-16>

Park, N., & Peterson, C. (2009). Strengths of Character in Schools. In *Routledge eBooks* (pp. 83–94). <https://doi.org/10.4324/9780203884089-15>

Pasquali, L. (2000). *Instrumentação Psicológica: Fundamentos e práticas*. Artmed Editora. http://books.google.ie/books?id=Lr3RwAEACAAJ&dq=Pasquali,+L.+%282010%29.+Instrumenta%C3%A7%C3%A3o+psicol%C3%B3gica:+Fundamentos+e+pr%C3%A1ticas.+Porto+Alegre:+Artmed.&hl=&cd=1&source=gbs_api

Peterson, C., Ruch, W., Beermann, U., Park, N., & Seligman, M. E. P. (2007). Strengths of character, orientations to happiness, and life satisfaction. *the Journal of Positive Psychology*, 2(3), 149–156. <https://doi.org/10.1080/17439760701228938>

Rappaport, J. (2002). In *Praise of Paradox: A Social Policy of Empowerment over Prevention*. In *Springer eBooks* (pp. 121–145). https://doi.org/10.1007/978-1-4419-8646-7_8

Sabino, G, Calbino, D., & Lima, I. (2022). A trajetória dos movimentos negros pela educação: conquistas e desafios. *Linhas Críticas*, 28, e40739. <https://doi.org/10.26512/lc28202240739>

Santos, I. N. dos., Black, T. L. de P., Silva, K. V., & Santos, C. da F. B. F.. (2024). O racismo estrutural e seu impacto na saúde do adolescente afrodescendente brasileiro. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 34, e34025. <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434025pt>

Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2014). Positive Psychology: An Introduction. In Springer eBooks (pp. 279–298). https://doi.org/10.1007/978-94-017-9088-8_18

Torlig, E. G. da S.; Resende Junior, P. C.; Fujihara, R. K.; Montezano, L.; Demo, G. (2022) Proposta de Validação para Instrumentos de Pesquisa Qualitativa (Vali-Quali). *Administração: Ensino e Pesquisa*, v. 23, n. 1.

Vazzoler-Mendonça, A., Rondini, C. A., & Costa-Lobo, C. (2023). Avaliação de instrumentos por comitê de juízes especialistas como método de aprimoramento de pesquisa quanti-qualitativa. *GESTO-Debate*, 7(01). <https://doi.org/10.55028/gd.v7i01.17658>

Wagner, L., Pindeus, L., & Ruch, W. (2021). Character Strengths in the Life Domains of Work, Education, Leisure, and Relationships and Their Associations With Flourishing. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.597534>

Wagner, L., & Ruch, W. (2022). Displaying character strengths in behavior is related to well-being and achievement at school: Evidence from between- and within-person analyses. *the Journal of Positive Psychology*, 18(3), 460–480. <https://doi.org/10.1080/17439760.2022.2109196>

Wellington, & Wellington. (2022, November 26). Estudo aponta que Brasil precisa de 116 anos para atingir igualdade racial - PDT. PDT - Nacional. <https://pdt.org.br/index.php/estudo-aponta-que-brasil-precisa-de-116-anos-para-atingir-igualdade-racial/>

Wray-Lake, L., Witherspoon, D. P., Halgunseth, L. C., & Morris, A. S. (2022). Dismantling systems of racism and oppression during adolescence: An agenda for anti-racist research. *Journal of Research on Adolescence*, 32(4), 1285–1297. <https://doi.org/10.1111/jora.12814>

Xie, Q. (2013, November). Agree or disagree? A demonstration of an alternative statistic to Cohen's kappa for measuring the extent and reliability of agreement between observers. In Proceedings of the Federal Committee on Statistical Methodology Research Conference.